

A Cadeira de Prata

C. S. LEWIS



As Crônicas de Nárnia

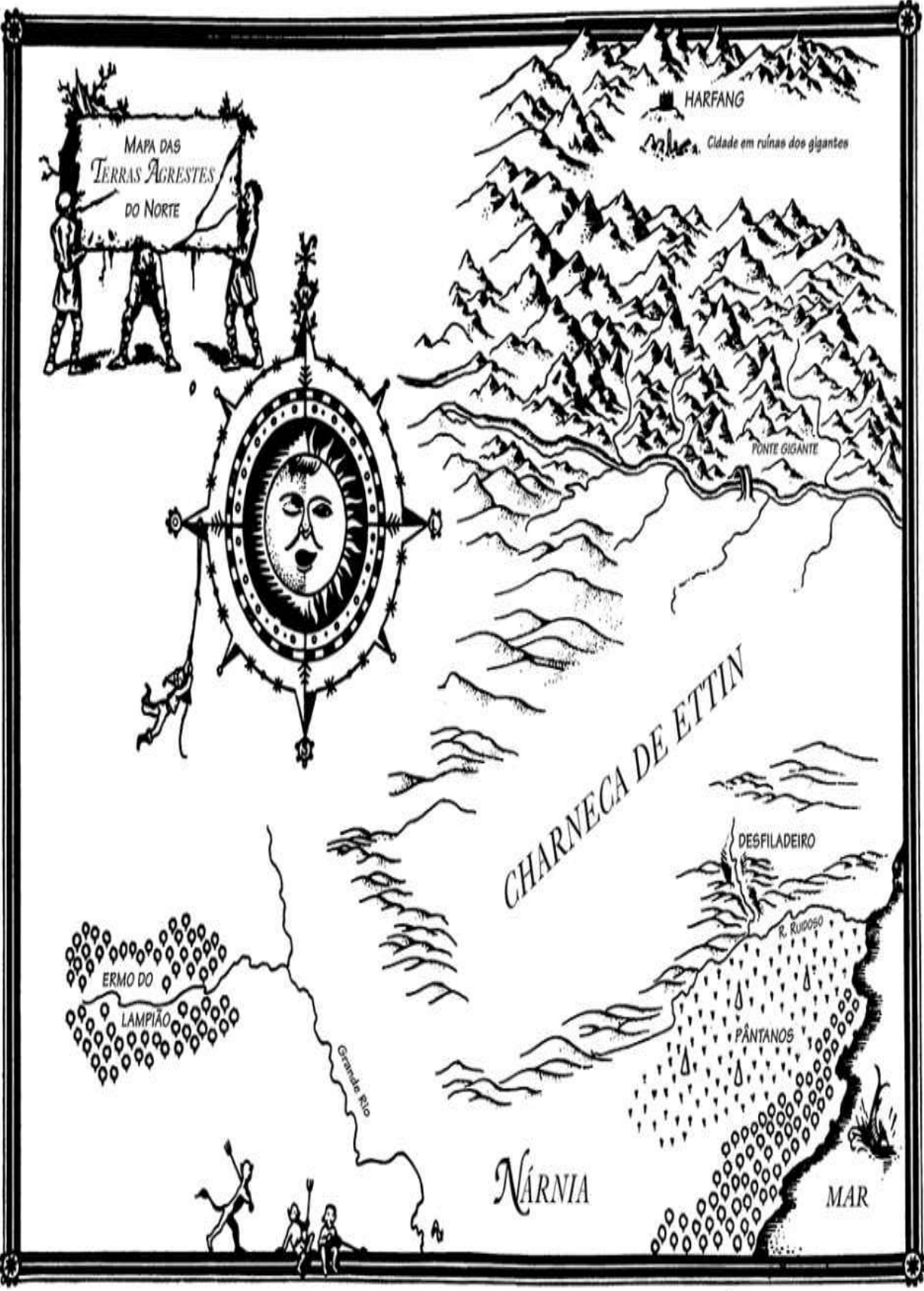
C. S. LEWIS

A CADEIRA DE PRATA

ILUSTRAÇÕES
DE PAULINE BAYNES



*wmf*martinsfontes
SÃO PAULO 2015



MAPA DAS
TERRAS AGRESTES
DO NORTE

HARFANG

Cidade em ruínas dos gigantes

PONTE GIGANTE

CHARNECA DE ETTIN

ERMO DO

LAMPIÃO

Grande Rio

DESFILADEIRO

R. Ruiboso

PÂNTANOS

NARNIA

MAR

PARA NICHOLAS HARDIE

A vida do autor

Nasceu em Belfast, Irlanda. Por mais de trinta anos, foi membro e professor do Magdalen College, em Oxford. Conservou esse posto até tornar-se professor de Literatura Medieval e Renascentista, na Universidade de Cambridge. Seus dois primeiros livros foram de poesia e publicados sob o pseudônimo de Clive Hamilton. Mais tarde, publicou vários livros, principalmente relacionados com assuntos literários e teológicos. Para a literatura infantil, C. S. Lewis escreveu, em sete volumes, a história sobre a terra mágica de Nárnia, que começou com *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (*O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*). A medalha de Carnegie, para o melhor livro infantil, foi conferida a Lewis pela obra *The Last Battle*, mas era, obviamente, uma homenagem a toda a série Nárnia.

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA:

1. *O sobrinho do mago*
2. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*
3. *O cavalo e seu menino*
4. *Príncipe Caspian*
5. *A viagem do Peregrino da Alvorada*
6. *A cadeira de prata*
7. *A última batalha*

A CADEIRA DE PRATA

ÍNDICE

- I. Atrás do ginásio
- II. A missão de Jill
- III. A viagem do rei
- IV. Uma reunião de corujas
- V. Brejeiro
- VI. As terras agrestes do Norte
- VII. A colina dos fossos estranhos
- VIII. A casa de Harfang
- IX. Uma descoberta que valeu a pena
- X. Viagem sem sol
- XI. No castelo escuro
- XII. A rainha do Submundo
- XIII. O Submundo sem rainha
- XIV. O fundo do mundo
- XV. O desaparecimento de Jill
- XVI. Remate de males

CAPÍTULO UM

ATRÁS DO GINÁSIO



Era um dia tristonho de outono e Jill Pole estava chorando atrás do ginásio de esportes.

Chorava porque alguém andara mexendo com ela. Como não vou contar uma história de escola, tratarei de falar o mais depressa possível sobre o colégio de Jill, assunto que não é nada simpático.

Era um “colégio experimental” para meninos e meninas. Os diretores achavam que as crianças podiam fazer o que desejassem. Infelizmente, porém, havia uns dez ou quinze da turma que só queriam atormentar os outros. Lá acontecia de tudo: coisas horríveis que, numa escola comum, seriam descobertas e punidas. Mas ali, não. Mesmo que se descobrisse quem as havia feito, o responsável não era expulso nem castigado. O diretor achava que se tratava de “interessantes casos psicológicos” e passava horas conversando com tais alunos. E estes, se encontrassem uma resposta adequada para dizer ao diretor, acabavam se tornando privilegiados.

Por isso Jill estava chorando naquele dia tristonho de outono, na alameda úmida que vai do fundo do ginásio de esportes à mata de arbustos. Ainda não tinha acabado de chorar quando, assoviando, um menino surgiu do canto do ginásio, mãos nos bolsos, quase dando um tropeção nela.

– Está cego? – perguntou Jill.

– Opa, desculpe... também não precisava... – e aí notou a cara da menina. – Ei, Jill, o que há com você?

Jill só fez uma careta, a careta que a gente faz quando quer dizer alguma coisa, mas sente que vai acabar chorando se falar.

– Só podem ser *eles*, como sempre – disse o menino, carrancudo, afundando

ainda mais as mãos nos bolsos.

Jill concordou com a cabeça. Não era preciso falar mais nada. Já sabiam de tudo.

– Olhe aqui – disse o menino –, de nada adianta que nós...

Falava como quem começa um sermão. Jill irrompeu numa crise de nervos (o que é comum acontecer às pessoas quando são interrompidas durante um acesso de choro).

– Deixe-me em paz e cuide da sua vida. Ninguém lhe pediu para meter o bico. Você é mesmo muito bacana para me ensinar o que eu devo fazer. Vai dizer, na certa, que a gente deve chaleirar *eles*, fazer o que eles quiserem, como você faz.

– Caramba, Jill! – disse o menino, sentando-se na relva espessa e pulando logo, pois a relva estava toda molhada. Seu nome infelizmente era Eustáquio Mísero; mas não era um mau sujeito.

– Jill, você está sendo injusta. Por acaso eu fiz alguma coisa ruim este ano? Não fiquei do lado do Daniel no caso do coelho? E não guardei segredo no caso da Gabriela... mesmo debaixo de torturas? E não fiquei...

– Não sei, nem quero saber! – soluçou Jill. Eustáquio, vendo que ela ainda não estava bem, ofereceu-lhe uma pastilha de hortelã e começou a chupar outra. Jill já enxergava tudo com mais clareza.

– Desculpe, Eustáquio. Confesso que só falei aquilo de maldade. Você foi muito bonzinho... este ano.

– Então, esqueça o ano passado. Admito que já fui um sujeito muito diferente. Puxa vida! Como eu era chato!

– Para ser franca, era *mesmo*.

– Acha que eu mudei?

– Acho, e não sou só eu que acho. Todo mundo diz o mesmo. Ainda ontem no quarto, Eleonor ouviu Adélia dizer que você está mudado e que iam *pegá-lo* no ano que vem.

Eustáquio sentiu um tremor. Todos no Colégio Experimental sabiam o que era ser pego pela *turma da pesada*.

– Por que você era tão diferente no ano passado?

– Aconteceram comigo coisas estranhíssimas – disse Eustáquio, misterioso.

– Como assim?

Ele ficou calado durante um tempão.

– Escute, Jill, tenho ódio deste lugar, mais do que uma pessoa pode ter ódio de qualquer coisa. Você também, não é?

– Ora, se tenho!

– Assim sendo, acho que posso ter toda confiança em você.

– Quanta gentileza!

– Pois é, mas acontece que é um segredo para lá de assustador. Jill, você é boa de acreditar em coisas... quer dizer... nas coisas que fariam os outros aqui cair na gargalhada?

– Nunca me aconteceu... mas acho que sou.

– Iria acreditar em mim, se eu dissesse que já estive fora deste mundo?

– Não estou entendendo bulhufas.

– Bem, vamos esquecer os mundos. Suponha que eu dissesse que já estive num lugar onde os animais sabem falar e onde há... hum... encantamentos, dragões... bem, essas coisas que aparecem nos livros de fadas.

Eustáquio sentia-se como um novelo embaraçado, um novelo vermelho.

– Como você chegou lá? – perguntou Jill, também um pouco encabulada.

– Da única maneira possível: magia. Eu estava com dois primos meus. Fomos simplesmente levados, assim. Eles já tinham estado lá antes.

Como tinham passado a cochichar, era mais fácil acreditar, mas, repentinamente, Jill foi apanhada por uma tremenda suspeita (tão violenta que, por um instante, virou uma onça):

– Se eu descobrir que está querendo me fazer de boba, nunca mais falo com você durante toda a minha vida! Nunca, nunca, nunca!

– Juro que não estou! Juro por tudo que é sagrado!

– Está bem, eu acredito.

– E promete não contar para *ninguém*?

– Quem é que você está pensando que eu sou?

Estavam muito nervosos. Mas, quando Jill olhou em torno e reparou o céu tristonho de outono, com as folhas gotejando, e lembrou-se de que não havia esperança no Colégio Experimental (faltavam ainda onze semanas para as férias), disse:

– Mas, afinal de contas, de que adianta? Não estamos lá: estamos aqui. E não há nenhum jeito de ir para lá. Ou há?

– É por isso mesmo que estamos aqui conversando. Quando voltei do tal lugar, alguém disse que os meus dois primos nunca mais iriam lá. Era a terceira vez que iam, entende? Mas esse alguém não disse que *eu* não ia voltar. Se não disse é porque achava que *eu* ia voltar. Não me sai da cabeça a ideia de que nós... poderíamos...

– Dar um jeito para que a magia aconteça de novo?

Eustáquio fez que sim.

– Quer dizer que a gente podia desenhar um círculo no chão, escrever umas letras dentro... e recitar umas fórmulas mágicas?

Eustáquio ficou atento por um instante:

– Estava pensando em coisa parecida. Mas agora estou vendo que esse negócio de círculo e de fórmulas não dá certo. Só há uma coisa a fazer: temos de pedir a *ele*.

– Quem é *ele*?

– Lá naquele lugar *ele* é chamado de Aslam. Mas vamos em frente. Ficamos um ao lado do outro, assim, e estendemos os braços para a frente com as palmas das mãos viradas para baixo, como fizeram na ilha de Ramandu...

– Ilha de quê?

– Depois eu conto. Acho que *ele* gostaria que olhássemos para o oriente.

Onde é o oriente?

– Sei lá.

– Gozado, as mulheres não sabem nada de pontos cardeais

– Você também não sabe – replicou Jill indignada.

– Sei, sei e muito bem. É só você não me interromper. Já vi tudo. Lá é o oriente, onde estão aquelas árvores. Agora você tem de repetir minhas palavras.

– Que palavras?

– As palavras que eu vou dizer, é claro. Agora... Aslam, Aslam, Aslam!

– Aslam, Aslam, Aslam – repetiu Jill.

– Por favor, deixe que nós dois...

Nesse momento uma voz do outro lado do ginásio gritou:

– Jill? Eu sei onde ela está. Só pode estar choramingando atrás do ginásio.

Vou pegar *ela*.

Jill e Eustáquio entreolharam-se, mergulharam debaixo das árvores e começaram a escalar a encosta íngreme da mata de arbustos a uma velocidade de campeões. (Devido aos curiosos métodos de ensino do Colégio Experimental, lá não se aprendia muito Matemática ou Latim, mas todos sabiam desaparecer rapidamente e sem ruído, quando *eles* estavam atrás de alguém.)

Depois de um minuto de correria, detiveram-se para ouvir e concluíram que continuavam sendo perseguidos.

– Se ao menos a porta estivesse aberta! – suspirou Eustáquio, e Jill concordou com a cabeça.

No fim da mata de arbustos havia um alto muro de pedra, com uma porta que dava para um terreno relvado. Essa porta quase sempre estava trancada, mas já

fora encontrada aberta uma ou outra vez. Ou só uma vez, quem sabe. Mas sempre havia uma grande esperança de que não estivesse trancada. Seria a oportunidade maravilhosa para que os alunos, sem ser percebidos, escapassem dos domínios do colégio.

Jill e Eustáquio, fatigados e desarrumados, pois tinham corrido quase de gatinhas por debaixo das árvores, chegaram ofegantes ao muro. A porta, fechada, como de hábito.

– Não vai adiantar nada – disse Eustáquio, com a mão na maçaneta, para suspirar em seguida: – O-o-oh!

A porta abriu-se. E eles, que não desejavam outra coisa, agora ficaram apalermados, pois deram com uma paisagem muito diferente da que esperavam.

Esperavam encontrar uma encosta cinzenta indo juntar-se ao céu tristonho do outono. Em vez disso feriu-lhes os olhos o clarão do sol, que entrava pelo portal como a luz do verão quando se abre a porta da garagem. As gotas deslizavam como contas pela relva. Via-se melhor o rosto de Jill lambuzado de lágrimas. A luz do sol parecia chegar de um mundo diferente. Mais macia era a relva. Umás coisas reluziam no céu azul como joias ou borboletas gigantescas.

Apesar de esperar por alguma coisa parecida, Jill sentiu-se amedrontada. Eustáquio demonstrava o mesmo dizendo com dificuldade:

– Vamos, Jill.

– Será que podemos voltar? Não há perigo?

Uma voz gritou lá de trás, cheia de maldade e escárnio:

– Já sei que você está aí, Jill. Não adianta se esconder.

Era a voz de Edite, que não pertencia à *turma da pesada*, mas era subserviente e delatora.

– Depressa! – exclamou Eustáquio. – Segure minha mão.

Antes que ela soubesse bem o que estava acontecendo, foi puxada para fora dos domínios do colégio, dos domínios do seu país, dos domínios do mundo.

A voz de Edite sumiu de repente como se apaga a voz de um rádio que se desliga. Outro som dominou os ares. Vinha das coisas que reluziam no alto: pássaros, para dizer a verdade. Faziam um barulho de algazarra, que, no entanto, parecia música, música de vanguarda, de que a gente não gosta logo. Contudo, apesar da cantoria, havia, envolvendo tudo, uma espécie de silêncio profundo. Este, combinado à leveza do ar, levou Jill a imaginar se não estariam no cume de uma alta montanha.

Segurando a mão da menina, Eustáquio avançava. Arregalavam os olhos para todos os lados. Árvores imensas, mais altas do que cedros, erguiam-se à direita e

à esquerda, deixando abertas algumas brechas para a visão. Sempre a mesma paisagem: relva lisa, pássaros de cor amarela, com azulados de libélulas, ou plumagem de arco-íris e sombreados azuis... e o vazio. Era uma floresta solitária.

Na frente não havia árvores, só o céu azul. Caminharam sem falar até que Jill ouviu a voz de Eustáquio:

– Cuidado! – E viu-se empurrada para trás. Estavam à beira de um precipício.

Jill era uma dessas meninas felizes que possuem a cabeça boa para grandes alturas. Podia parar sem tremer à beira de um abismo. Não gostou, portanto, do puxão de Eustáquio (“como se eu fosse uma criança”), e soltou a mão do companheiro. Notando que ele ficou branco, chegou a sentir desprezo:

– Que é que há? – E, para mostrar que não tinha medo, parou na beirinha do precipício (uns palmos além da própria coragem) e olhou para baixo.

Só então percebeu que Eustáquio tinha razão de ficar branco, pois não há em nosso mundo um penhasco como aquele. Imagine-se à beira do precipício mais alto que você conheça. Imagine-se olhando lá para baixo. Pense agora o seguinte: o abismo não acaba onde devia acabar, mas continua, mais fundo, mais fundo, vinte vezes mais fundo. E lá embaixo você nota umas coisinhas brancas; à primeira vista parecem carneiros; olhando melhor, descobre que são nuvens, nuvens imensas e gordas. Enfiando o olhar entre as nuvens, você consegue afinal ver um pouquinho do fundo do abismo, mas é tão distante que se torna impossível afirmar se é feito de relva, de árvores, de terra ou de água.

Jill ficou olhando de boca aberta. Não deu um passo para trás por medo do que Eustáquio iria pensar. Mas – decidiu logo – “que me importa o que ele vai pensar?” O jeito era afastar-se daquele abismo e nunca mais zombar de quem tem medo de altura. Tentou, mas não conseguiu sair do lugar. As pernas pareciam feitas de massa. Estava tudo dançando diante de seus olhos.

– Que está fazendo, Jill? Caia fora daí, sua boboca! – gritou Eustáquio. Mas a voz parecia vir de muito longe. Sentiu que ele procurava agarrá-la. Jill, no entanto, não tinha mais o domínio dos braços e das pernas.

Houve um instante de agonia na ponta do penhasco. O medo e a tontura impediam que ela soubesse de fato o que estava fazendo, mas de duas coisas se lembraria a vida toda, e sonharia com elas: uma, de que se libertara, com um safanão, das mãos de Eustáquio; outra, de que Eustáquio, no mesmo instante, tinha perdido o equilíbrio, precipitando-se, com um grito de terror, em pleno abismo.

Felizmente não teve tempo de pensar no que havia feito. Um imenso animal de cores brilhantes apareceu à beira do precipício. Estava deitado e (coisa

estranha) soprando. Não estava rugindo ou bufando: simplesmente soprando com a boca escancarada, como se fosse um aspirador de pó trabalhando para fora. Jill estava tão perto da criatura que podia sentir as vibrações no próprio corpo. Por pouco não desmaiou. E até queria desmaiar, mas o desmaio não depende da nossa vontade. Por fim, lá embaixo, viu um pontinho escuro afastando-se do penhasco, flutuando ligeiramente para cima. À medida que subia, mais se afastava, movendo-se a grande velocidade, até que Jill acabou por perdê-lo de vista. Parecia que a criatura ao lado soprava o pontinho para longe.

Virou-se e olhou. A criatura era um Leão.

CAPÍTULO DOIS

A MISSÃO DE JILL



Sem olhar para Jill, o Leão levantou-se e deu uma última soprada. Depois, satisfeito com seu trabalho, voltou-se e entrou lentamente na floresta.

– Só pode ser um sonho, tem de ser um sonho – disse Jill para si mesma. – Vou acordar agorinha mesmo. – Mas não era sonho. – A gente nunca devia ter atravessado o portão. Duvido que Eustáquio conheça melhor este lugar do que eu. E, se conhecia, não tinha nada que me trazer para cá sem me dizer antes como era. A culpa não é minha se ele caiu no abismo. Se tivesse me deixado em paz, não teria acontecido nada. – Lembrou-se novamente do berro de Eustáquio ao cair e debulhou-se em lágrimas.

Chorar funciona mais ou menos enquanto dura. Porém, mais cedo ou mais tarde, é preciso parar de chorar e tomar uma decisão. Ao parar, Jill sentiu uma sede enorme. Havia chorado de cara contra o chão, mas agora estava sentada. As aves não cantavam mais. O silêncio seria total, não fosse um barulhinho insistente que parecia vir de longe. Ouviu com atenção e teve quase certeza de que se tratava de água corrente.

Levantou-se e olhou em torno, atenta. Nenhum sinal do Leão, mas, com tantas árvores por ali, podia ser que ele estivesse por perto. A sede era intolerável e ela juntou coragem para localizar a água. Na ponta dos pés, escondendo-se de árvore em árvore, espreitando por todos os cantos, avançou. A floresta estava tão quieta que não era difícil descobrir de onde vinha o ruído. Numa clareira corria o riacho, brilhante como um espelho. Apesar da visão da água multiplicar sua sede, não correu logo para beber. Ficou paradinha, como se fosse de pedra, boquiaberta. Motivo: o Leão estava postado exatamente à beira do riacho, cabeça erguida, patas dianteiras esticadas. Não havia dúvida de que a vira, pois

olhou dentro dos olhos dela por um instante e virou-se para o lado, como se a conhecesse há muito tempo e não precisasse dar-lhe muita atenção.

Ela pensou: “Se eu correr, ele me pega; se eu ficar, ele me come.”

De qualquer forma, mesmo que tivesse tentado, não teria saído do lugar. Não tirava os olhos de cima do Leão. Quanto tempo durou isso não saberia dizer. Pareciam horas. A sede era tão forte que chegou a pensar que pouco se importaria em ser comida pelo animal, desde que desse tempo de beber um bom gole.

– Se está com sede, beba.

Eram as primeiras palavras que ouvia desde que Eustáquio falara com ela à beira do abismo. Por um segundo procurou descobrir quem falara. A voz voltou:

– Se está com sede, venha e beba.

Lembrou-se naturalmente do que dissera Eustáquio sobre os animais falantes daquele outro mundo e percebeu que era a voz do Leão. Não se parecia com a voz humana: era mais profunda, mais selvagem, mais forte. Não ficou mais amedrontada do que antes, mas ficou amedrontada de um modo diferente.

– Não está com sede? – perguntou o Leão.

– Estou morrendo de sede.

– Então, beba.

– Será que eu posso... você podia... podia arredar um pouquinho para lá enquanto eu mato a sede?

A resposta do Leão não passou de um olhar e um rosnado baixo. Era (Jill se deu conta disso ao defrontar o corpanzil) como pedir a uma montanha que saísse do seu caminho.

O delicioso murmúrio do riacho era de enlouquecer.

– Você promete não fazer... nada comigo... se eu for?

– Não prometo nada – respondeu o Leão.

A sede era tão cruel que Jill deu um passo sem querer.

– Você come meninas? – perguntou ela.

– Já devorei meninos e meninas, homens e mulheres, reis e imperadores, cidades e reinos – respondeu o Leão, sem orgulho, sem remorso, sem raiva, com a maior naturalidade.

– Perdi a coragem – suspirou Jill.

– Então vai morrer de sede.

– Oh, que coisa mais horrível! – disse Jill dando um passo à frente. – Acho que vou ver se encontro outro riacho.

– Não há outro – disse o Leão.

Jamais passou pela cabeça de Jill duvidar do Leão; bastava olhar para a gravidade de sua expressão. De repente, tomou uma resolução. Foi a coisa mais difícil que fez na vida, mas caminhou até o riacho, ajoelhou-se e começou a apanhar água na concha da mão. A água mais fresca e pura que já havia bebido. E não era preciso beber muito para matar a sede. Antes de beber, havia imaginado sair em disparada logo depois de saciada. Percebia agora que seria a coisa mais perigosa. Ergueu-se de lábios ainda molhados.

– Venha cá – disse o Leão.

E ela foi. Estava agora quase entre as patas dianteiras do Leão, olhando-o diretamente nos olhos. Mas não aguentou isso por muito tempo e desviou o olhar.

– Criança humana – disse o Leão –, onde está o menino?

– Caiu no abismo – respondeu Jill, acrescentando: – ... Senhor. – Não sabia como tratá-lo e seria uma desfeita não lhe dar tratamento algum.

– Como foi isso?

– Ele estava querendo me segurar, para eu não cair.

– Por que você chegou tão perto do abismo, criança humana?

– Eu queria fazer bonito, senhor.

– Gostei da resposta, criança. Não faça mais isso. – Pela primeira vez a face do Leão mostrou-se um pouco menos severa. – O menino está bem. Foi soprado para Nárnia. A sua missão é que ficou mais difícil.

– Qual missão, por favor?

– A missão que me fez chamá-los aqui, fora do mundo de vocês.

Jill ficou intrigadíssima, achando que o Leão a tomava por outra pessoa. Não tinha coragem de revelar isso, apesar de sentir que podia dar numa confusão medonha.

– Diga o que está pensando, criança.

– Eu estava imaginando... quer dizer... não está havendo um engano? Acontece que ninguém chamou a gente aqui. Nós é que pedimos para vir. Eustáquio disse que devíamos chamar... alguém... não me lembro do nome... e que esse alguém talvez nos deixasse entrar. Foi o que fizemos, e então encontramos a porta aberta.

– Não teriam chamado por mim se eu não houvesse chamado por vocês.

– Então o senhor é o Alguém? – perguntou Jill.

– Sim. Mas ouça qual é a sua missão. Longe daqui é o reino de Nárnia. Ali vive um velho rei, que anda em aflição por não deixar um filho, um príncipe de seu próprio sangue, que venha a ser rei depois dele. Não tem herdeiro, pois seu

único filho foi sequestrado há muitos anos. Ninguém em Nárnia sabe onde está esse príncipe ou mesmo se continua vivo. Mas está vivo. Ordeno que vocês procurem o príncipe até encontrá-lo, para trazê-lo de volta, ou até morrerem, ou até voltarem a seu próprio mundo.

– Mas *como*? – perguntou Jill.

– Vou lhe dizer. Estes são os sinais pelos quais hei de guiá-la na sua busca. Primeiro: logo que Eustáquio colocar os pés em Nárnia, encontrará um velho e grande amigo. Deve cumprimentar logo esse amigo; se o fizer, vocês dois terão uma grande ajuda. Segundo: vocês devem viajar para longe de Nárnia, para o Norte, até encontrarem a cidade em ruínas dos gigantes. Terceiro: encontrarão uma inscrição numa pedra da cidade em ruínas, devendo proceder como ordena a inscrição. Quarto: reconhecerão o príncipe perdido (caso o encontrem), pois será a primeira pessoa em toda a viagem a pedir alguma coisa em meu nome, em nome de Aslam.

O Leão parecia ter acabado de falar. Jill achou que devia dizer alguma coisa:

– Certo, muito obrigada.

– Criança – disse o Leão, com a voz mais amável do que antes –, talvez não esteja tão certo quanto você imagina. Seu primeiro cuidado é lembrar-se de tudo. Repita para mim, pela ordem, os quatro sinais.

Jill não se saiu muito bem. O Leão a corrigiu e fez com que repetisse outra vez, e mais outra, e mais outra, até que a menina decorou tudo direitinho. Mostrava-se pacientíssimo, e Jill teve a coragem de perguntar:

– Por favor, como é que eu vou para Nárnia?

– De sopro. Vou soprá-la para o Oeste, como soprei Eustáquio.

– Será que eu chego a tempo de contar-lhe o primeiro sinal? Aliás, acho que isso não tem importância. Se ele encontrar um velho amigo, fatalmente irá falar com ele... é ou não é?

– Você não tem tempo a perder. Tem de ir imediatamente. Venha. Caminhe até a beira do abismo.

Se não havia tempo a perder, a culpa era de Jill, e ela sabia disso. “Se eu não tivesse bancado a boba, Eustáquio e eu teríamos ido juntos, e ele também teria ouvido as instruções todas.”

Era assustador chegar à beira do abismo, principalmente porque o Leão não ia na frente, mas ao lado dela – e sem fazer o menor ruído com as patas.

Já perto do precipício, ouviu uma voz atrás de si:

– Fique quieta. Daqui a pouco soprarei. Antes de tudo, lembre-se dos sinais! Repita-os ao amanhecer, antes de dormir e, caso acordar, durante a noite. Por

mais estranhos que sejam os acontecimentos, de maneira alguma deixe de obedecer aos sinais. Em segundo lugar, aviso-a de que falei, aqui na montanha, com a maior clareza: não o farei sempre em Nárnia. O ar aqui na montanha é limpo, e aqui o seu espírito também é limpo; em Nárnia, o ar será mais pesado. Cuidado para que o ar pesado não confunda seu espírito. Os sinais que aprendeu aqui surgirão sob formas bem diferentes ao depará-los lá. É importantíssimo conhecê-los de cor e desconfiar das aparências. Lembre-se dos sinais, acredite nos sinais. Nada mais importa. Agora, Filha de Eva, adeus...

A voz tornara-se mais branda ao fim da fala e agora sumira de todo. Jill olhou em torno. Para seu espanto viu o penhasco mais de cem metros lá atrás; o Leão era um pontinho dourado. Ela havia cerrado os dentes e fechado os punhos, esperando uma terrível lufada; mas o sopro do Leão foi tão delicado que ela nem chegou a notar o momento em que deixou a terra. Sentiu medo só por um instante. Era tão longe o mundo lá embaixo, que não podia ter com ele a menor relação. Flutuar na respiração do Leão era uma delícia. Podia deslizar de frente ou de costas, revirar-se à vontade, como se fosse dentro d'água. Não havia vento e o ar era cálido. Sem barulho e sem turbulência, era uma sensação bem diferente do que a de viajar de avião. Parecia mais com uma viagem de balão, até melhor, mas Jill nunca entrara num balão.

Ao olhar para trás pôde avaliar a altura da montanha onde estivera. Perguntava a si mesma como uma montanha tão colossal não estava coberta de neve e gelo. Essas coisas deviam ser diferentes naquele mundo. Olhando para baixo, não podia distinguir se estava flutuando sobre o mar ou sobre a terra, tão alto estava.

– Nossa! Os sinais! – disse subitamente. – Melhor repeti-los.

Passou por um estado de pânico durante dois segundos, mas ainda era capaz de dizer os sinais com perfeição. Estava tudo bem, pensou, recostando-se no ar como se fosse um sofá e dando um suspiro de satisfação.

– Bem – disse Jill para si mesma algumas horas mais tarde –, devo confessar que dormi. Dormi no ar, veja só! Será que isso já aconteceu a alguém no mundo? Acho que não. Ora bolas, vai ver que o Eustáquio também dormiu! Nessa mesma rota, só um pouquinho antes de mim. Vou dar uma espiada lá embaixo.

Parecia uma vasta planície azul-escura. Não se percebiam montes, mas havia coisas esbranquiçadas que se moviam devagar. “Devem ser nuvens”, pensou, “mas muito maiores que as do abismo; são maiores porque estão mais perto: devo estar indo para baixo. Que sol chato!”

O sol, que estava lá no alto no começo da viagem, feria-lhe os olhos, baixando à sua frente. Eustáquio tinha razão quando disse que Jill (não sei se as

meninas em geral) não era muito entendida em pontos cardeais. Se o fosse, ao sentir o sol nos olhos deveria saber que viajava na direção oeste.

Olhando a planície azul lá embaixo, notou que existiam aqui e ali uns pontos bem brilhantes, mais pálidos. “É o mar”, pensou, “os pontos devem ser ilhas.” Eram. Teria sentido inveja se soubesse que Eustáquio já havia apreciado aquelas ilhas de um navio, e até percorrido uma ou outra. Mais tarde, começou a observar pequenas rugas na planura azul; rugas que deveriam ser ondas imensas se estivesse entre elas. Juntando-se ao horizonte, estendia-se uma linha cada vez mais espessa e acentuada. Era o primeiro sinal da grande velocidade em que viajava. A linha que se acentuava, ela sabia, só podia ser a terra.

Súbito, da esquerda (pois o vento era sul), uma grande nuvem branca veio a seu encontro, na mesma altura em que ela se achava. Antes de saber onde se encontrava, mergulhou naquele nevoeiro frio e úmido. Por um instante nem conseguiu respirar. Foi piscando que encontrou, do outro lado, a luz do sol.

Suas roupas estavam molhadas: vestia um casaco esporte, suéter, saia-calça, meias e bonitos sapatos. Foi descendo, descendo, e notou com surpresa alguma coisa pela qual já devia estar esperando: ruídos. Até aquele instante viajara em absoluto silêncio. Agora, pela primeira vez, ouvia o marulhar das ondas e o grito das gaivotas. Sentia também o cheiro do mar. A terra estava cada vez mais próxima, com montanhas à frente e à esquerda. Eram baías e cabos, campos, matas e praias. O espraiar das ondas, cada vez mais intenso, abafava os demais alaridos do mar.

A terra surgiu bem à frente – estava chegando à desembocadura de um rio. Voava a poucos metros da água. A crista de uma onda golpeou-lhe os pés e a espuma molhou seu corpo. Já perdia velocidade. Deslizava na direção da margem esquerda do rio.

Havia tanta coisa para ver que era impossível observar tudo: um lindo relvado, um navio tão brilhante que parecia uma joia imensa, torres e ameias, bandeiras agitando-se ao vento, uma multidão, roupas festivas, armaduras, ouro, espadas, música. Mas viu tudo embaralhado. A primeira coisa que percebeu com nitidez foi que estava em pé, sob ramos de árvores, à beira do rio; a poucos metros, achava-se Eustáquio.

Seu primeiro pensamento foi: “Como Eustáquio está sujo e desarrumado!” Depois: “Como estou molhada!”

CAPÍTULO TRÊS

A VIAGEM DO REI



O que fazia Eustáquio parecer tão encardido e desalinhado (e Jill também, caso se visse no espelho) era o esplendor do ambiente.

De uma brecha da montanha, a luz do sol poente jorrava sobre a relva lisa. Do outro lado da relva, com seus cata-ventos cintilando, erguia-se um castelo de numerosas torres, o mais belo que Jill já havia visto. Perto ficava um cais de mármore branco; amarrado a este, um navio alto, com o castelo de proa e a popa empinados, todo dourado e carmesim, com uma grande bandeira no mastro central e flâmulas no tombadilho; escudos prateados enfileiravam-se no cais. A prancha de embarque fora colocada e um velho preparava-se para subir a bordo. Usava luxuoso manto escarlate, deixando entrever a malha de prata. Tinha na cabeça uma pequena coroa de ouro. A barba cor de lã quase batia-lhe na cintura. Mantinha-se firme, apoiando a mão no ombro de um senhor ricamente vestido, mais novo que ele. Muito velho e frágil, parecia que uma lufada de vento poderia carregá-lo, e trazia os olhos marejados.

Na frente do rei – que se virara para falar ao povo antes de embarcar –, havia uma poltrona sobre rodas, atrelada a um burrinho pouco maior que um cachorro. Sentado na poltrona estava um anãozinho gordo, vestido com o mesmo luxo do rei. Por ser muito gordinho e estar refestelado entre almofadas, parecia uma trouxa de peles, de seda e veludo. Era tão velho quanto o rei, porém mais saudável e animado, de olhos espertos. A cabeça, sem um fio de cabelo, lembrava uma grande bola de bilhar banhada pelo crepúsculo.

Mais atrás, os nobres postavam-se num semicírculo, com roupagens e armaduras dignas de se ver. Lembavam mais um canteiro de flores do que gente. Mas o que fez Jill abrir mesmo a boca e arregalar os olhos foi o próprio

povo, se é que povo é a palavra certa. Pois só um em cinco era gente humana. Os outros eram criaturas que não vemos em nosso mundo: faunos, sátiros, centauros. Jill havia visto aquelas figuras em livros. E havia também anões, e uma porção de animais que ela conhecia bem: ursos, castores, toupeiras, leopardos, camundongos, numerosos pássaros. Pareciam, entretanto, algo diferentes dos animais que conhecemos por esses nomes. Alguns eram bem maiores; os camundongos, por exemplo, erguiam-se nas patinhas traseiras e mediam meio metro de altura. Mas não só por isso pareciam diferentes. Pela expressão de suas caras, via-se que sabiam falar e pensar como nós.

“Que coisa!”, pensou Jill. “Quer dizer que é tudo verdade! Mas... será que são amigos?” Acabara de observar nos arredores uns dois gigantes e outras criaturas que não sabia o que eram.

Foi quando se lembrou de Aslam e dos sinais.

– Eustáquio! – cochichou, agarrando-lhe o braço. – Eustáquio, rápido! Está vendo algum conhecido seu por aí?

– Ah, você de novo? – disse Eustáquio, com desagrado (tinha certa razão para isso). – Será que não pode ficar quieta? Quero escutar.

– Deixe de ser pateta, Eustáquio. Não há tempo a perder. Não está reconhecendo aqui algum velho amigo? Porque você tem de ir e falar com ele *imediatamente!*

– Não estou entendendo nada.

– Foi Aslam... o Leão... que mandou – disse Jill, aflita. – Estive com ele.

– Ah, esteve com ele? Que é que ele disse?

– Disse que a primeira pessoa que você ia ver em Nárnia era um velho amigo, e devia falar com ele *imediatamente*.

– Acontece que não há nenhum conhecido meu aqui; aliás, nem sei ainda se isto aqui é Nárnia.

– Pensei que você já tinha estado aqui antes.

– Então pensou errado.

– Pois fique sabendo que você me disse...

– Pelo amor de Deus, vamos ouvir o que eles estão dizendo.

O rei falava com o anão, mas Jill não podia ouvir o que dizia. Pelo jeito, o anão não respondeu, apesar de sacudir a cabeça várias vezes. O rei ergueu a voz e dirigiu-se a toda a multidão; mas sua voz era tão velha e trêmula que ela entendeu pouquíssimo – e ainda por cima ele falava de pessoas e lugares desconhecidos. Terminado o discurso, o rei inclinou-se e beijou o anão nas duas faces, reergueu-se, levantou a mão direita como se abençoasse o povo, e subiu

para o navio com passadas incertas. Os nobres demonstravam grande emoção. Agitavam-se lenços e ouviam-se soluços por todos os lados. A prancha foi recolhida, trombetas soaram na popa, e o navio afastou-se do cais. (Estava sendo rebocado por um barco de remos, mas Jill não o viu.)

– Bem, agora... – disse Eustáquio, mas não prosseguiu, pois naquele instante uma coisa branca – Jill imaginou que fosse um papagaio de papel – veio planando e pousou aos pés do menino. Era uma coruja branca, enorme, da altura de um anão de bom tamanho.

A coruja piscou os olhos, espreitando como se fosse míope, a cabeça meio de lado. A voz era como um pio suave:

– Turru, turru! Quem são vocês?

– Meu nome é Eustáquio, esta é Jill. Poderia ter a gentileza de dizer onde estamos?

– No reino de Nárnia, no castelo real de Cair Paravel.

– Foi o rei que embarcou agora mesmo?

– Turru, turru! – confirmou a coruja, balançando a cabeça com tristeza. – Mas quem são vocês? Há alguma coisa meio encantada em vocês. Eu os vi chegando: *voando*. Estavam todos tão entretidos com a partida do rei que ninguém viu. Só eu. Eu vi.

– Fomos enviados por Aslam – falou Eustáquio, em voz baixa.

– Turru, turru! – exclamou a coruja, ruflando as penas. – Isso é demais para mim, e tão cedo! Minha cabeça não é muito boa antes do anoitecer.

– Fomos enviados para procurar o príncipe perdido – informou Jill, que já se achava ansiosa para entrar na conversa.

– Só estou sabendo disso agora – falou Eustáquio. – Que príncipe?

– É melhor que vocês venham logo falar com o lorde regente – disse a coruja.

– É aquele lá, sentado na carruagem com o burrinho; é Trumpkin, o anão.

A ave abriu caminho, murmurando para si mesma: “Turru, turru! Não consigo pensar com clareza. É cedo demais!”

– Qual é o nome do rei? – perguntou Eustáquio.

– Caspian X – respondeu a coruja.

Jill não entendeu por que Eustáquio levou um grande susto e ficou como se se sentisse mal. Não houve tempo de fazer perguntas; já estavam perto do anão, que recolhia as rédeas, pronto para retornar ao castelo. Os nobres, dispersos, seguiam em grupos na mesma direção, como depois de um jogo de futebol.

– Turru! Alô! Lorde regente! – chamou a coruja, abaixando-se um pouco e levando o bico para perto do ouvido do anão.

– Ei? Que é que há? – perguntou o anão.

– Dois estrangeiros, senhor – respondeu a coruja.

– Escoteiros!? Que história é essa? – estranhou o anão. – Só estou vendo dois filhotes humanos. Que desejam?

– Meu nome é Jill – disse a menina, adiantando-se, doida para explicar a importante missão que os trazia.

– O nome da menina é Jill – disse a coruja, na voz mais alta possível.

– Que história é essa? Ardil? Quem fez o ardil?

– Não, meu senhor, não há nenhum ardil. É uma menina... O nome dela é Jill.

– Fale alto – disse o anão. – Não fique aí zumbindo no meu ouvido. Quem fez o ardil?

– NINGUÉM – berrou a coruja.

– Calma, calma; não é preciso berrar. Não sou tão surdo assim. Mas por que você vem me dizer que ninguém fez um ardil?

– Melhor dizer para ele que o meu nome é Eustáquio – disse o menino.

– Este, senhor, é Eustáquio.

– Batráquio? – perguntou o anão, irritado. – E isso é motivo para trazê-lo aqui? Hein?

– Não é batráquio – disse a coruja –, é EUSTÁQUIO.

– É eu ou é ele? Não estou entendendo coisa nenhuma. Vou dizer-lhe uma coisa, Plumalume... – era o nome da coruja. – Quando eu era moço, aqui neste país os animais falantes sabiam falar de verdade. Não era esse blá-blá-blá confuso. Isso não era permitido, entendeu? Urnus, traga minha corneta acústica.

O pequeno fauno, que permanecera o tempo todo quietinho ao lado do anão, estendeu-lhe uma corneta de prata. Parecia aquele instrumento musical chamado serpentão, pois o tubo tinha de ser enrolado no pescoço do anão. A coruja, ou Plumalume, cochichou para as crianças:

– Minha cabeça agora está ficando melhor. Não digam nada a respeito do príncipe desaparecido. Explicarei para ele depois. Agora ia dar tudo errado, tudo, tudo, turru, turru!

– Bem – disse o anão –, se tem alguma coisa razoável para falar, Plumalume, pode começar. Respire fundo e procure não falar depressa demais.

Com o auxílio das crianças, e a despeito de um acesso de tosse do anão, Plumalume explicou que os estrangeiros haviam sido enviados por Aslam, em visita ao reino de Nárnia. O anão logo olhou para eles com uma nova expressão.

– Enviados pelo próprio Leão? – disse ele. – E vieram... hum... daquele

Outro Lugar... além do Fim do Mundo... não é?

– Exatamente, meu senhor – berrou Eustáquio na corneta.

– Filho de Adão e Filha de Eva, é ou não é?

Mas como no Colégio Experimental não se falava em Adão e Eva, Jill e Eustáquio não souberam o que responder. O anão, entretanto, não parecia ter notado o pormenor. Segurando as mãos de ambos, disse:

– Muito bem, meus caros: é uma alegria tê-los aqui. Se o meu bom rei, bom e infeliz, não tivesse acabado de partir para as Sete Ilhas, seria dele a satisfação em recebê-los. A presença de vocês teria devolvido a mocidade ao meu senhor... pelo menos por um instante, um pequeno instante. Bem, já está passando da hora do jantar. Vocês me dirão o que desejam na reunião do Conselho amanhã de manhã. Plumalume, providencie aposentos e roupas próprias e mais o que for preciso para os nossos convidados de honra. Além disso, Plumalume, chegue aqui...

O anão colocou a boca perto do ouvido da coruja, pretendendo falar em segredo; mas, como acontece com certos surdos, não dominava o volume de sua voz, e as crianças ouviram o que disse:

– Providencie também um banho caprichado para eles.

Depois disso, o anão tocou o burrinho na direção do castelo; também muito gordo, o animal partiu numa pisada que ficava entre o trote e o bamboleio. O fauno, a coruja e as crianças seguiram um pouco mais devagar. O sol escondera-se e o ar começava a ficar frio.

Atravessaram a relva e um pomar na direção do portão norte de Cair Paravel, que estava aberto. Dentro estendia-se um pátio gramado. Viam-se luzes das janelas do grande salão à direita e de outras salas à frente. Uma jovem muito simpática foi chamada para cuidar de Jill. Não era muito mais alta do que ela própria e bem mais magra, embora fosse totalmente desenvolvida. Conduziu a menina para um quarto redondo numa das torres, onde havia uma banheira embutida no chão, madeiras perfumadas queimando na lareira e um candeeiro pendurado da abóbada do teto por uma corrente de prata. A janela dava para oeste do estranho reino de Nárnia, e Jill ainda viu reflexos do sol poente fulgindo atrás de montanhas distantes. Ansiava por novas aventuras, sentindo que mal tinha começado.

Depois de tomar banho, pentear os cabelos e vestir as roupas que lhe foram separadas (que além de bonitas eram perfumadas e faziam barulhinhos gostosos quando ela se movimentava), Jill teria voltado à janela deslumbrante, mas foi interrompida por uma pancada na porta.

– Entre. – E quem entrou foi Eustáquio, muito bem lavado e magnificamente

vestido com os trajes de Nárnia (dos quais, aliás, parecia não gostar muito).

Jogando-se numa cadeira, disse, meio zangado:

– Até que enfim! Estou há um tempão procurando você.

– Bem, agora já me achou. Não é formidável, Eustáquio? Nem dá para falar!

– Por um instante ela havia esquecido os sinais e o príncipe desaparecido.

– Ah, acha isso? Pois acho que o melhor era a gente não ter vindo – replicou o menino.

– Mas por quê?

– Não aguento ver o rei Caspian assim velho e decrépito. É... é apavorante.

– Mas por que você sofre com isso?

– Você não pode entender. Não pode, é claro. Esqueci de contar-lhe que este mundo tem um tempo diferente do nosso.

– Troque isso em miúdos.

– O tempo que a gente passa aqui não leva tempo em nosso mundo.

Entendeu? Vou explicar melhor: mesmo que fiquemos aqui durante muito tempo, quando voltarmos para o colégio será o mesmo momento em que saímos de lá...

– Que falta de graça!

– Não amole. E quando você estiver em casa... em nosso mundo... não saberá quanto tempo está passando aqui. Pode ser uma pá de anos em Nárnia e só um ano na Inglaterra. Os meus primos explicaram tudo para mim, mas banqueei o bobo e me esqueci. Parece que passaram setenta anos em Nárnia depois que saí daqui. Está entendendo agora? É pavoroso voltar e descobrir que Caspian é um velhinho.

– Ah, quer dizer que o rei *era* amigo seu! – disse Jill, fulminada por um pensamento horrível.

– Devo confessar que era – respondeu Eustáquio, infeliz. – Amigo até demais. Da última vez, ele era só um pouquinho mais velho do que eu. Agora encontro aquele velhinho de barba branca e não me sai da cabeça a manhã em que capturamos as Ilhas Solitárias. Ou a luta com a Serpente do Mar. Oh, é de doer! É pior do que se ele estivesse morto.

– Chega! É ainda muito pior do que você imagina! – Jill mostrava toda a sua impaciência. – O caso é que já perdemos o primeiro sinal.

Eustáquio naturalmente não podia entender. Então Jill contou-lhe toda a conversa com Aslam, os quatro sinais, a missão de procurar o príncipe. E concluiu:

– Agora está entendendo? Você viu um velho amigo, exatamente como Aslam disse; devia ter ido falar com ele imediatamente. Ora, como não foi, tudo

está dando errado, desde o início.

– Mas como eu podia saber?

– Muito simples: se tivesse prestado atenção quando tentei falar, estaria tudo certo.

– Ah, é claro! E se você não tivesse bancado a idiota na beira do abismo, quase me assassinando... É isso mesmo, assassinando!... também teria dado tudo certo...

– Foi ele a primeira pessoa que você viu, não foi? Deve ter chegado horas antes de mim. Não viu ninguém antes?

– Cheguei apenas um minuto antes de você. Ele deve tê-la soprado com mais força. Para tirar o atraso, o *seu* atraso.

– Deixe de ser bobão, Eustáquio... Ei, o que é isso?

Era o sino do castelo tocando para o jantar. A briga, que prometia ser das boas, foi logo interrompida, felizmente. Estavam os dois com excelente apetite.

Jamais haviam visto uma coisa tão deslumbrante. O próprio Eustáquio, que já estivera em Nárnia, passara todo aquele tempo no mar, e não chegara a conhecer o esplendor e a hospitalidade dos narnianos em seu próprio reino. As flâmulas pendiam do teto e as iguarias entravam com o som de trombetas e tímpanos. As sopas eram de dar água na boca, sem falar nos peixes fabulosos, nas finas caças, nas aves raras, nos pastéis, sorvetes, geleias, frutas, nozes, vinhos e refrescos. O próprio Eustáquio animou-se admitindo que era um banquete “pra lá de legal”.

Terminada a imensa refeição, um poeta cego contou uma história chamada *O cavalo e seu menino*, que se passava em Nárnia e no reino dos calormanos, na Idade de Ouro, quando Pedro era o Grande Rei em Cair Paravel. (Não tenho tempo de contá-la no momento, mas é uma história que vale a pena ouvir.)

Quando subiram para os quartos, bocejando, Jill falou:

– Aposto que a gente vai dormir feito uma pedra.

Isso mostra que jamais temos ideia do que poderá acontecer-nos daqui a pouco.

CAPÍTULO QUATRO

UMA REUNIÃO DE CORUJAS



É engraçado: quanto mais uma pessoa está com sono, mais tempo leva para cair na cama, especialmente se existe no quarto o conforto de uma lareira. Jill pensou que, se não se sentasse um tempinho diante do fogo, seria incapaz até de tirar a roupa. Sentou-se e não teve mais vontade de levantar-se, apesar de repetir para si mesma: “Vá para a cama, menina!” Foi quando se sobressaltou com um barulhinho na janela.

Ergueu-se, correu as cortinas, vendo a princípio só a escuridão lá fora. Depois deu um salto para trás: uma coisa grande lançava-se contra a janela, golpeando a vidraça. Passou-lhe pela cabeça uma ideia muito desagradável: “Imagine só se existem mariposas gigantes neste país! Ai!” Mas a coisa voltou e ela teve quase a certeza de ter visto um bico, e era este bico que golpeava a vidraça. “É um passarão”, pensou. “Será uma águia?” Não estava para visitas, nem mesmo de uma águia, mas abriu a janela e olhou. No mesmo momento, com um ruído farfalhante, a criatura pousou no peitoril, enchendo todo o vão da janela. Era a coruja.

– Quietinha! Turru, turru! Sem barulho – disse a coruja. – Agora diga-me: é verdade aquilo que disse?

– Sobre o príncipe? É, é pra valer. – Pois lembrava-se agora da cara do Leão, do qual quase se esquecera durante o banquete e a história de *O cavalo e seu menino*.

– Ótimo! – disse a coruja. – Então não podemos perder tempo. Tem de sair logo. Vou acordar o outro humano. Volto aqui em seguida. Melhor trocar essas roupas elegantes e vestir coisa simples para viajar. Não demoro nada. Turru, turru! – E, sem esperar resposta, partiu.

Jill, pouco habituada a aventuras, nem pensou em desconfiar da coruja: a ideia excitante de uma fuga à meia-noite fez com que esquecesse o sono. Vestiu o suéter e a saia-calça – havia no cinto um canivete que poderia ser útil –, escolhendo também algumas coisas que havia no quarto. Pegou uma capa, que lhe batia nos joelhos, um capuz (“pode chover”, pensou), alguns lenços e um pente. Sentou-se e ficou à espera. Já estava sentindo sono de novo, quando a coruja voltou para dizer:

– Estamos prontos.

– Melhor você ir na frente – disse Jill. – Ainda não conheço todas as passagens aqui.

– Turru! Está pensando que vamos por dentro do castelo? Nada disso. Tem de montar em mim. Vamos voando.

– Oh! – exclamou Jill, de boca aberta, não gostando nada da ideia. – Sou muito pesada para você.

– Turru, turru! Não seja boba. Já carreguei o outro. Vamos. Mas primeiro apague essa luz.

Apagada a luz, a noite ficou menos escura, meio cinzenta. A coruja postou-se no peitoril, de bico para fora, e abriu as asas. Jill teve de ajeitar-se sobre o corpo curto e grosso, apertando os joelhos sob as asas da ave. As penas eram quentinhas e macias, mas não havia nada em que se agarrar. Pensou: “Será que Eustáquio gostou do voo?”

Com um assustador mergulho no vazio, ambas deixaram a janela. As asas abanavam perto das orelhas de Jill, e o ar da noite, meio frio e úmido, batia-lhe no rosto.

O céu estava encoberto, mas um fulgor prateado mostrava as nuvens que tapavam a lua. Os campos embaixo eram cinzentos; as árvores pareciam negras. O ar abafado era sinal de chuva.

A coruja deu uma volta e o castelo surgiu na frente dela. Havia poucas janelas iluminadas. Passaram por cima e cruzaram o rio. O ar ficava mais frio. Jill pensou ter visto o reflexo branco da coruja na água. Logo voavam sobre a floresta.

A coruja abocanhou qualquer coisa que Jill não podia ver.

– Por favor! Pare de sacudir desse jeito! Quase caí.

– Mil perdões. Agarrei um morcego. Não há nada mais alimentício do que um morceguinho rechonchudo. Quer que eu pegue um para você?

– Muito obrigada – respondeu Jill com um arrepio.

Voavam agora mais baixo e uma coisa escura avultava-se diante delas. Jill só

teve tempo de ver que era uma torre, em parte arruinada e coberta de hera, pois logo em seguida teve de abaixar a cabeça para não bater no arco de uma janela cheia de teias de aranha. Estavam num lugar escuro e bolorento no alto da torre. No momento em que deslizou de cima da coruja, adivinhou (como às vezes acontece) que o local estava repleto. Vozes começaram a falar de todos os cantos: “Turru! Turru!” Repleto, portanto, de corujas. Foi um certo alívio quando uma voz muito diferente disse:

– É você, Jill?

– É você, Eustáquio?

– Acho que já estamos todos aqui – disse Plumalume. – Vamos dar início à sessão.

– Turru, turru! Quem está certo és tu! Aqui não tem urubu! – disseram várias vozes ao mesmo tempo.

– Peço a palavra – disse Eustáquio. – Antes de mais nada quero dizer uma coisa.

– Turru! Quem está certo és tu! – disseram as corujas.

E Jill para ele:

– Manda brasa.

– Acho que os companheiros todos aqui... as corujas todas aqui não ignoram que Caspian X, no tempo da mocidade, navegou para o Extremo Oriente. Bem, tive a honra de acompanhá-lo nessa viagem, na companhia ainda de Ripchip, o rato, do fidalgo Drinian e muitos outros. Sei que parece difícil de acreditar, mas as criaturas não envelhecem em nosso mundo no mesmo ritmo que no seu mundo. O que pretendo dizer é o seguinte: sou fiel ao rei, e se esta reunião de corujas tiver qualquer caráter subversivo, minha presença aqui é um equívoco.

– Turru, turru! Somos todas fiéis ao rei, como tu!

– Então, por que motivo estamos aqui? – indagou Eustáquio.

– Muito simples – respondeu Plumalume. – Dá-se o seguinte: se o lorde regente, o anão Trumpkin, souber que vocês pretendem procurar o príncipe desaparecido, não os deixará partir. E há de mantê-los confinados, sob vigilância.

– Essa não! – exclamou Eustáquio. – Não vai dizer que Trumpkin é um traidor? Ouvi muito sobre ele, nos velhos tempos. Caspian... o rei, digo... tinha nele uma confiança absoluta.

– Mas não é isso – disse uma voz. – Trumpkin não é um traidor. O que se passa é o seguinte: mais de trinta dos nossos melhores guerreiros – centauros, bons gigantes e tantos outros – já empreenderam várias viagens em busca do

príncipe. Nem um só voltou! O rei disse, por fim, que não permitiria que os mais valentes narnianos fossem aniquilados por causa de seu filho. Ninguém mais pode ir: é uma proibição real.

– Tenho certeza de que nos deixará partir – disse Eustáquio – se souber quem eu fui e quem me enviou.

– Quem *nos* enviou – acrescentou Jill.

– Acredito que sim – ponderou Plumalume. – Mas o rei está ausente; Trumpkin observará a letra da lei. Trata-se de um anão verdadeiro como a verdade, mas é surdo como uma porta e... uma pimentinha. Não conseguirá convencê-lo de que agora é o tempo adequado para abrir uma exceção na lei.

– Não se esqueça – observou alguém – de que ele prestaria atenção ao que disséssemos, pois somos corujas, e todos sabem como as corujas são sábias.

– É, mas agora ele está tão velho que simplesmente dirá: “Você não passa de um pinto. Eu me lembro de quando você era ainda um ovo. Não venha com lições para cima de mim. Ora bolas!”

A coruja que disse isso imitou tão bem a voz de Trumpkin, que foi uma gargalhada geral. As crianças começaram a perceber que os narnianos olhavam para Trumpkin como alunos olham para um professor rabugento, do qual todos sentem medo, mas de quem no fundo todos gostam.

– Quanto tempo o rei passará fora? – perguntou Eustáquio.

– Ah, se eu soubesse! – respondeu Plumalume. – Há rumores de que o próprio Aslam foi visto nas ilhas (em Terebíntia, acho). O rei disse que fará tudo para vê-lo antes de morrer, a fim de aconselhar-se sobre seu sucessor ao trono. Mas receamos que ele não encontre Aslam em Terebíntia e continue a viagem até as Sete Ilhas e as Ilhas Solitárias... e siga em frente. Ele nunca se refere ao assunto, mas sabemos todos que jamais se esqueceu da viagem ao fim do mundo. No fundo do coração, deseja ir até lá outra vez.

– Assim sendo, é inútil esperar a volta do rei – disse Jill.

– Inútil! – concordou a coruja. – Oh, o que fazer? Se ao menos vocês tivessem falado com ele! Teria arranjado tudo... talvez mandaria um exército acompanhá-los.

Jill ficou calada, esperando que Eustáquio tivesse a gentileza de não contar para as corujas por que motivo isso não acontecera. Ele andou perto de contar, resmungando em voz baixa: “Culpa minha é que não foi.” Mas disse em voz alta:

– Muito bem. Temos de dar um jeito. Mas há uma coisa que desejo saber: se esta reunião é leal e acima de qualquer suspeita, por que tem de ser tão secreta, numa torre em escombros, na calada da noite?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Cadeira de Prata (As Crônicas de Nár..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).